Revista Toque Solidário

Brasília - DF · Ano VII · Edição nº17 · Abril a Julho de 2020

FOTO: SHUTTERSTOCK

NOVO CORONAVÍRUS

PANDEMIA

que abalou a todos

Caminho das pedras

Sugestão de livros e infoprodutos, para quem está interessado em ampliar os conhecimentos em negócios na era digital.

Entrevista

Cynthia Ciarallo, apresentadora do canal Fala Diversidade, prioriza a busca por temas mais invisibilizados com narrativas de violação de direitos.

Sonhos não envelhecem

Brasília 60 anos

Revista Toque Solidário 06 anos

disseminando a cultura cooperativista

Revista Toque Solidário

RevistaToqueSolidario

revistatoquesolidario@gmail.com

61- 3202 7550 / 99618 7639

Brasília
60 anos

Juntas realizando desejos

Aplicação financeira e empréstimos com melhores taxas e prazos.

SHS Qd.1 Bl A, Lj. 36/37
Galeria do Hotel Nacional Brasília-DF
Tel/fax: (61) 3226.3321

COOSERVCRED

COOPERATIVA DE ECONOMIA E CRÉDITO MÚTUO DOS SERVIDORES DO DISTRITO FEDERAL LTDA.

EVENTOS

6 Brasília faz 60 anos entre a cruz e as aspas

OPINIÃO

07 Sóter - Brasília: 60 anos com saudade dos 20

ENFOQUE

10 Lenine Bueno Monteiro: uma apresentação pouco convencional

PONTO DE VISTA

13 Eustáquio Santos Eterna Primavera

FOTO: INTERNET

14 Parada do Orgulho LGBT está no calendário oficial do DF

OPORTUNIDADES

FOTO: INTERNET

15 Poesia Liberta 3 Sarau de clausura durante a pandemia

PANORAMA COOPERATIVO

16 Rede de Solidariedade: projeto de auxílio às famílias de baixa renda do DF, no enfrentamento à Covid-19

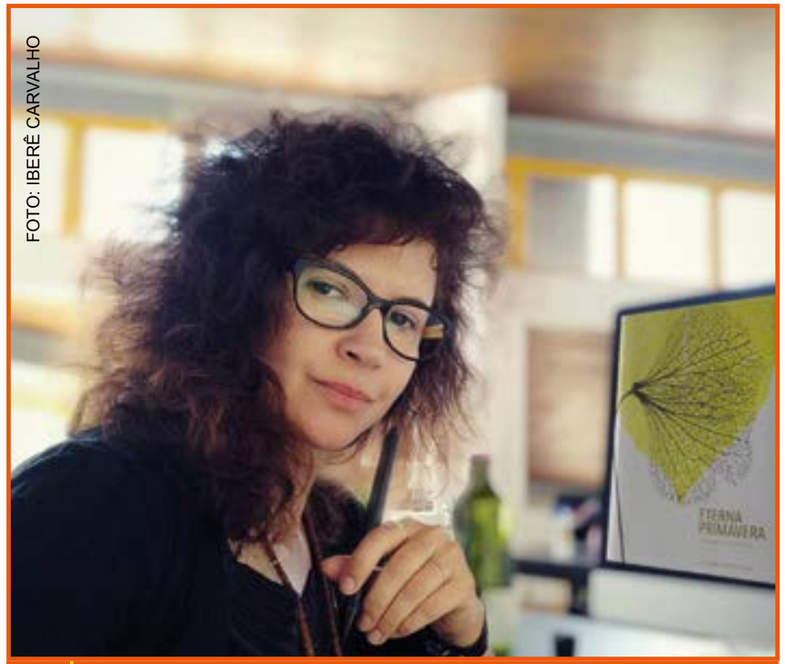


FOTO: IBERÊ CARVALHO

8 A designer Jana Ferreira produziu o livro Eterna Primavera: crônicas que adentram Brasília, de autoria de Eustáquio Santos

MEIO AMBIENTE

FOTO: INTERNET

18 Novo coronavírus é a preocupação mundial de 2020

CAMINHO DAS PEDRAS

FOTOS: DIVULGAÇÃO

24 Modelos de negócios na era digital – indicação de livros

25 Infoprodutos

ENTREVISTA

FOTO: DIVULGAÇÃO

26 Cynthia Ciarallo: Fala, Diversidade - “Zelamos para que falas não aniquilem existências”

PRÁTICAS

FOTO: DIVULGAÇÃO

28 Pandemia da Covid-19 desperta solidariedade

GESTÃO

30 Medidas de auxílio emergencial

A solidariedade é necessária

Os reflexos do novo coronavírus, como foram com outras pandemias, deixam uma lição para a humanidade: a solidariedade é necessária. Não apenas um ato de bondade ou compreensão com o próximo, mas respeito à dignidade humana.

Esse respeito que leva a uma relação social permite ações organizadas para a conquista de direitos. Muitos saíram da sua rotina e se dedicaram a ajudar os segmentos menos favorecidos. Muitas iniciativas de ajuda humanitária foram organizadas pela sociedade civil. Já ao Estado, que também fez ajuda temporária, falta colocar a economia como social e solidária, acima do capital, mas em prol do desenvolvimento do potencial humano.

O novo coronavírus, com uma alta taxa de transmissão e uma abrangência global, onde todos contaminam todos, representa ameaça à saúde, às estruturas sociais e à economia. No âmbito internacional, organismos das Nações Unidas têm papéis importantes na indicação de ações para redução dos efeitos das pandemias: o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Programa Mundial de Alimentos (PMA). A Organização Mundial da Saúde (OMS) coordena a resposta internacional às emergências de saúde humanitária.

Expediente

A Revista Toque Solidário é uma publicação da Cooperativa Central de Apoio ao Sistema ECOSOL no Distrito Federal Base Brasília – Ltda. Faz parte do programa de promoção do intercâmbio de experiências, objetivando promover o fortalecimento do cooperativismo e sua integração com os movimentos e as instituições que defendem a Economia Solidária.

Diagramação e arte final:
Carcará Editora Produções
Saber Ltda - ME
Allan Teles

Edição:
Teresinha Pantoja (Jornalista RP 4104 DRT/DF)

Jornalista:
Luísa Dantas (MTB 10805/DF);

Colaboradores nesta edição:
Eustáquio Santos, José Sóter, Lenine B. Monteiro
Patrícia Silva Gomes, Jana Ferreira,
Natacha Santos, Soninha Virgílio

Revisão:
Luísa Dantas - (MTB 10805/DF)

Fotografia:
Divulgação/Web, Iberê Carvalho

Editora:
Carcará Editora Produções
Saber Ltda - ME

Periodicidade:
Quadrimestral (abril, agosto e dezembro)

Circulação:
Distrito Federal e Entorno

Tiragem:
10 mil exemplares

Impressão:
H.E Soluções Gráficas Ltda – ME

Endereço:
SHS - Q. 01 - Conjunto A - Lojas 36/37
Galeria do Hotel Nacional - Brasilia/DF
CEP: 70.322-900

Informações:
E-mail: revistatoquesolidario@gmail.com
Site: www.ecosolbasebrasilia.com.br
Telefax: (61) 3202.7550
Celular: (61) 99618.7639

Redação / Comercial:
revistatoquesolidario@gmail.com

Brasília faz 60 anos

entre a **cruz** e as **aspas**

FOTO: INTERNET

Ao completar 60 anos, a capital do Brasil recebe uma identidade visual para ser usada em todas as ações oficiais do Governo do Distrito Federal alusivas à data, celebrada em 21 de abril de 2020.

Intitulada Aspas, a marca feita pelo designer Felipe Honda foi escolhida no edital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec), concorrendo com 117 outras ideias habilitadas no certame. Ele explica que as aspas presentes na marca se referem aos monumentos, ao céu e ao concreto, típicos da capital.

O autor da marca, Felipe Honda, com 14 anos de experiência na área de comunicação, é formado em design gráfico pelo Instituto de Ensino Superior de Brasília – IESB e tem se especializado em estudo das marcas e projetos de identidade visual. Iniciou sua carreira como arte finalista, passando por direção de arte e de criação. Desenvolveu trabalhos para várias agências.

Sinal da Cruz foi a eterna marca deixada pelo arquiteto Lucio Costa na construção de Brasília. “Brasília nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”, como está escrito no Relatório de Lucio Costa.

Aos 60 anos, Brasília ainda é uma cidade jovem em crescimento. Mas por ter abandonado, desde o final dos anos 80, o planejamento, que permitiu sua concepção e construção, acumula atualmente os problemas de cidades antigas, tais como: lixões a céu aberto, contaminação de suas nascentes, falta de saneamento básico em muitas das ocupações, falta de moradia, ineficiência no sistema de transporte, de saúde e de educação, além de desemprego.

Neste cenário, visando o bem-estar da população e o resgate do propósito da origem de Brasília, vale refletir sobre os pressupostos de Lucio Costa: “Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo, cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país”.

A maioria da população do Distrito Federal, que já conta com cerca de 3 milhões de habitantes, é formada por nascidos neste território. Com uma cultura própria, feita de linguagem, gírias, sotaques, gastronomia e agito cultural, Brasília apresenta a própria diversidade nas quadras do Plano Piloto e nas demais Regiões Administrativas.

No ano de 1960, após 4 anos de construção, Brasília tomou seu posto como a capital, no lugar do Rio de Janeiro. Coube ao arquiteto Lúcio Costa a missão de realizar o projeto da construção de Brasília. Na sua equipe, estavam Oscar Niemeyer e Athos Bulcão, um arquiteto e um artista plástico. Por sua relevância urbanística e arquitetônica, que continuam fazendo história nos 60 anos de Brasília, a cidade foi declarada pela UNESCO, em 1987, Patrimônio Cultural da Humanidade.

BRASÍLIA

60 com saudades dos 20

FOTO: DIVULGAÇÃO

Sóter, poeta e editor gênero mimeógrafo

Em 2020 Brasília completa sessenta anos. Aos vinte ela descobriu uma identidade: era futurista. Caminhava a passos largos para se distanciar das amarras do provincianismo e demais conservadorismos. Houve um corte nesse roteiro e, hoje, ela se volta para o que a diferenciava naqueles vinte anos: a cultura.

Senão vejamos: nesses dois últimos anos assistimos às comemorações dos quarenta anos do Clube do Choro, da Geração Mimeógrafo, da SEMIM Edições, do Concerto Cabeças, do Liga Tripa, da primeira exportação da Cultura e da Arte Candanga - Acorde Cultural de Catalão, do bloco carnavalesco Pacotão, do Sindicato dos Escritores, do SinproDF; e quantos resgastes, trazendo pra atualidade obras, atos e agentes reverenciados até hoje?

Brasília saiu dos seus momentos comunitários expansionistas de visionários futuristas que contavam cerca de um milhão e duzentos mil habitantes para uma população conservadora, individualista e passadista de cerca de três milhões de habitantes.

É triste constatar que a cultura e as artes não foram suficientes para manter a trajetória da jovem e irreverente capital brasileira, que teve a sua população envelhecida, no sentido de ultrapassado, de preconceituoso, transformando a cidade-estado em uma apartação e desconstrução da identidade brasiliense, como pessoas que valorizam mais a “lei do silêncio” do que a efervescência da arte e da cultura, que ocuparam os espaços que se colocaram disponíveis para a disposição criativa da época.

Há um alento: essa reverência aos vinte anos de Brasília, com comemorações e resgates de obras, atos e autores nos remete à possibilidade de uma retomada dos rumos conceituais da criação dessa cidade utópica.

Aposto nos saraus poéticos da diversidade; no fortalecimento uniforme das manifestações artísticas do nosso quadradinho, nessa geração que elegeu como fonte os anos vinte da cidade para retomarem a ocupação dos espaços e o imaginário de nossa cidadania, e prevejo a recolocação de Brasília nos trilhos da história futurista, tão presente nos seus 20 anos.

PS.: Escolhi não fazer qualquer lista de referências.

ETERNA PRIMAVERA

CRÔNICAS QUE ADENTRAM BRASÍLIA

A flora, a manutenção da cidade, a convivência e a importância turística

O livro Eterna Primavera, produzido pela designer Jana Ferreira, realizado com recurso de Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC), traz 186 crônicas selecionadas, das quase 600 publicações feitas semanalmente no jornal Alô Brasília, desde outubro de 2008 na coluna Ambiência Brasília, de Eustáquio Santos, autor do livro. As crônicas abordam a cidade sob diversos aspectos e foram republicadas no blog Ambiência Brasília: http://www.ambienciabrasilia.com.br.

Amante da natureza, o autor escolheu o título, Eterna Primavera, em homenagem ao encanto que as florações das árvores exerce sobre a população do Distrito Federal. “Não apenas os Ipês que florescem no inverno, entre os quais o Ipê Amarelo que é árvore símbolo nacional; mas tantas outras que enchem de cores a cidade durante todo o ano”, alega. O conteúdo adentra Brasília, sobretudo nos aspectos de manutenção da cidade, da convivência e da importância turística.

As crônicas que abordam a manutenção da cidade, equipamentos, infraestrutura e serviços são tratadas tendo em vista a ação da administração pública e da interação da população. “A cidade monumental, que abriga os governos local e federal, a cidade daqueles que atuam junto àqueles governos, as representações estrangeiras e a cidade daqueles que não atuam nos governos, são objeto das crônicas sobre funcionalidades, interações, demandas etc”, reforça Eustáquio Santos.

Da mesma forma, as crônicas que falam da convivência dos moradores entre si e com o patrimônio paisagístico, com animais e aves, são objeto de observação, diz o autor. Ele afirma, sob certos aspectos, que “a organização dos espaços gerou padrões únicos e raramente observados em outras cidades”. Também constam no livro as crônicas que falam da importância dada ao turismo, como gerador de trabalho e renda, iniciativas de instalação de polos industriais, de informática e comercialização.

PARA CONHECER MELHOR OS TRABALHOS

@janaferrreira
@quartinho_direcoes_artisticas

www.studiojanaferreira.com
www.quartinho.com.br

Jana Ferreira é graduada em Comunicação Visual pela Universidade de Brasília, pós-graduada em projeto de produto pela Scuola Politecnica de Milão (2002). Trabalha com editoria, ilustração, design gráfico, design e cenografia, desde então, e também como sócia na produtora Quartinho Direções Artísticas. Tem um belo portfólio em Audiovisual, Teatro, Cinema com produções nacionais, junto com a Diretora de Arte Maíra Carvalho e o arquiteto Leonardo Cinelli.

Privilégio

“Trabalhar na elaboração do livro Eterna Primavera tem sido um privilégio por pelo menos três motivos. Primeiro, minha relação com o autor, Eustáquio Ferreira Santos, da qual aprendo tanto, e por ter sido daí que herdei o interesse pelo desenho, o criar e projetar. Em segundo, minha relação com Brasília; mesmo tendo morado em três outras cidades importantes, no Brasil e no exterior, Brasília é especial pra quem mora ou morou aqui. Ao longo das crônicas é possível conhecer diversos aspectos da sua vivência, urbanização, administração e planejamento, ou seja é muito rico. E por fim, Brasília carrega o conceito de “cidade parque” e como não podia deixar de ser, a fauna e flora do nosso bioma, o cerrado, também estão retratados na obra, como sugere o título, e tenho um carinho especial pelo tema”.

Jana Ferreira

Uma apresentação pouco convencional

Tenho de confessar a minha pouca habilidade para este fazer, em que pese conhecer o autor e os causos contados em Eterna Primavera. Afinal, trata-se do significativo período de uma vida aqui representado. E devo confessar minha admiração fraterna ao autor e o apreço pelo que escreveu, o que não é difícil.

Explico: partilhei caminhos e trilhas com o autor desde quando as utopia e suas propostas de realização surgiam nas mesas do "bandejão" da UnB, ponto de encontro de tribos as mais diferentes, de trapistas a carbonários, passando pelos "gramáticos" que povoavam as proximidades da antiga reitoria e do Dois Candangos; um momento mágico de desaplicação sistemática e desconstruções, as mais diferentes voltadas para a frenética busca dos caminhos do futuro passando por enfrentamentos cotidianos com o passado que ali se fazia presente.

Afinal, estamos falando dos anos 1960, quando se acreditava que a própria evolução do Brasil criaria um mercado popular de arquitetura, onde o arquiteto seria incorporado a um grande movimento de mudanças, onde as transformações sociais seriam elementos quase naturais de uma nova sociedade.

A crença ideológica em um homem novo e no papel transformador que a arquitetura poderia assumir nos levaria para muito perto das vanguardas europeias, mais próximos que o próprio início da arquitetura moderna brasileira. Também vislumbrávamos as vanguardas criando um meio ambiente transformador da vida através de obras que, no dizer de Anatole Kopp, "(...) levavam usuários a se comportar de maneira nova, que os obrigava a romperem com os hábitos e que introduziam em sua prática cotidiana comportamentos livres de todo o reflexo individualista".

Pois foi ali nos corredores do Instituto Central de Artes, ouvindo uma saraivada de imprecações, que me deparei com um mineiro de São Gotardo exercitando sua liberdade de forma quase anárquica e praticando a arte das imprecações com maestria.

E isso acontecia na forma com que se sonhava o amanhã, a partir das formas despojadas que a nova cidade nos mostrava, apontando rumos que somente poderiam se vislumbrar a partir de uma nova urbanidade, de novos caminhos que os caminhantes estavam consolidando.

Pioneiro e mineiro (ou o contrário?) no "laboratório" urbano de que dispúnhamos, ele convidava ao debate provocativo, à experimentação, ao desbravamento de um cerrado que inspirou um presidente a falar de solidão e de aproximações por onde deveria passar o homem novo, construtor do país que deveria nascer das quebradas planaltinas.

Dali, o nosso Eustáquio temperou seu compromisso com seu tempo e nossa gente, contribuindo sempre para um debate onde entendia-se possível, a partir do aparato público, construir a democracia brasileira; foi assim que construiu, ao lado de outros oposicionistas, alternativas que resultaram no chamado de Poder Local, quando nos municípios acendia-se o debate politico e ao mesmo tempo abriam-se picadas para que novas políticas públicas fossem construídas e uma nova forma de governar as cidades ali pudesse nascer.

O nosso Eustáquio partilhou e percorreu os caminhos da democratização brasileira buscando alternativas reais para as questões existentes. É interessante notar que era o momento em que experimentações as mais diversas aconteciam pelo país, mesmo considerando o pesado clima da ditadura civil-militar vigente, o que contribuiu para a consolidação da importância dos gestores locais na construção de nosso ensaio democrático; isto aconteceu aqui com Henrique Santillo, em Santa Catarina, com Dirceu Carneiro, Amaro Covre, no Espírito Santo, para citar alguns daqueles que abriram os caminhos do que deveria ser um primeiro ensaio de gestão democrática das cidades. É importante ressaltar que mesmo em nossos piores momentos na UnB, vários de seus arquitetos professores e muitos de seus alunos voltavam seus olhares para o interior goiano – Ceres, Aragarças, entre outras cidades – buscando formas de contribuir para a introdução de ferramentas de decisão na sua gestão.

Eustáquio passou pela prefeitura de Anápolis, por exemplo, e ajudou a redefinir a busca de caminhos para o desenvolvimento local e nem mesmo a truculenta intervenção no município, que passou a ser área de segurança nacional, não foi capaz de redefinir os caminhos políticos e a gestão da cidade; a maior prova disso foi o fato de que o prefeito nomeado não construiu uma hegemonia política e a cidade continuou sendo um bastião oposicionista no estado.

Foi um momento de experimentação que "temperou" uma geração de profissionais, que enxergou potencialidades regionais e procurou intervir através da política, instrumentalizada através de técnicas capazes de abrir novos caminhos na construção do futuro.

A atuação destes profissionais-militantes alterou o mapa político regional nas eleições municipais de 1976, ensaio geral do sucesso eleitoral da oposição em 1978 e 1982; naquele momento se conseguiu transformar cada situação comunicativa em sistemática afirmação da vida.

Outro aspecto a ser ressaltado é o fato de que sua atuação como servidor público, nos anos da busca da autonomia política para o Distrito Federal, não deixam dúvida sobre seu compromisso com a gestão democrática da cidade. Sua prática profissional de arquiteto tornou-se ferramenta da transformação possível no governo brasiliense.

Vale a pena refletir um pouco sobre isso.

Ao analisar essa trajetória surge um lineamento coerente balizando sua ação e orientando seu olhar sobre a cidade e os cidadãos. Os anos da maturidade e de trabalho no aparelho de estado brasiliense aparecem como a decantação de práticas anteriores e a reafirmação de um compromisso de vida.

Foi daí que surgiu o cronista da cidade, lançando seu olhar sobre totalidades e fragmentos, sobre conjun-

turas e estratégias de mais longo prazo, demonstrando o conhecimento do território e o manejo hábil das relações com seus ocupantes.

E a ferramenta escolhida para cumprir seu intento é o texto curto, entendido como gradativo desenho do fato localizado que nos ajuda na compreensão dos movimentos mais estruturais da vida da cidade e sua tectônica política, pois não foram poucos os abalos sentidos, os quase terremotos causados pelos vários dos governos que por aqui passaram.

Neste universo se evolui de reclamos a cerca da burocracia (os entraves burocráticos da vida cotidiana), o alarido das cigarras anunciando as chuvas e, com a chegada destas, e a importância da zeladoria urbana como elemento de gestão da cidade; mas não ficamos aí, pois fatos como a presença do Pacotão no carnaval da cidade, se cruzam com os pardais do espaço público que se encontram com a crise do emprego, a sinalização urbana, a economia criativa, a cultura popular, a internet, a vida nos espaços públicos e a beleza de múltiplos lugares.

Com isso, a observação de aparência despretensiosa traça um amplo painel da cidade, referenciando sua história, com toda emoção de quem, dela, foi testemunha ocular.

É interessante notar que não se trata de um pensamento naturalista, mas da contextualização de episódios do cotidiano que funcionam como fotogramas deste documentário sobre a vida urbana.

Assim, emerge das suas crônicas o cheiro da terra vermelha onde se entremeavam os troncos retorcidos do cerrado e o nascimento da metrópole que marcou o território e seus ocupantes.

A leitura proposta faz com que possamos nos debruçar sobre as contradições da cidade e delas extrair o que teve de melhor e mais significativo: a consolidação de formas de convivência entre brasileiros dos mais diferentes quadrantes que para aqui vieram e criaram uma maneira diferente e crítica de enxergar nossa terra, capaz de ressaltar virtudes e apontar lacunas em nosso processo de desenvolvimento.

O ponto de vista adotado para apontar a perspectiva do poder e a situação dos diferentes atores que a protagonizam comprovam ser o território um palimpsesto que gerações sucessivas o tem escrito, corrigido, apagado e acrescentado em contínuo processo de construção. Neste imenso arquivo de signos, podemos igualmente apreender um imenso conjunto de projetos, também de intenções, de projetos e ações de pessoas, de grupos ou mesmo da sociedade inteira.

Sabemos que território e cidade resultam de um longo processo cumulativo que seguirá em curso. Todos os dias selecionamos algo e o destinamos ou à destruição ou a uma outra forma de uso, modificando e transformando a herança recebida, moldando assim o processo de construção da cidade, de forma permanente, atravessando gerações.

E ninguém possui a chave que decifra e traduz estes processos. Somente a soma dos olhares contemporâneos ou filtrados pelo tempo pode delimitar seus valores e o entendimento social do que foi e para onde caminha essa formação social.

Para esse entendimento, para essa compreensão escritos como estes são portadores da imensa carga que existe nos gestos que marcam o cotidiano das pessoas e se transformam em testemunhos inesquecíveis.

Por isso, eternos. Por isso, primaveris.

Lenine Bueno Monteiro
Professor e pesquisador graduado em Urbanismo e Planejamento Regional pela Université Libre de Bruxelles (1978) e mestre em Promoção do Desenvolvimento Econômico – Orientação e Planejamento Econômico pela Universidade da Antuérpia (1979) - Bélgica.

ETERNA PRIMAVERA

FOTO: DIVULGAÇÃO

Eustáquio Santos
Presidente da Cooperativa
ECOSOL Base Brasilia

Fala-se muito do patrimônio arquitetônico e urbanístico de Brasília. Em muitas cidades existem obras modernas ou antigas de qualidade, conjuntos de razoável extensão, mas nenhum deles tão amplos como Brasília. A quantidade e a qualidade das edificações e o conjunto por elas formado dão à cidade a condição de obra única.

Há outro patrimônio de importância, principalmente para os que aqui residem. Trata-se da vegetação composta por árvores de diversos tamanhos, idades, cores, origens e que nos fornecem sombra, frutos e flores durante o ano. Dificilmente alguém dirá que as árvores não são necessárias ou descartáveis.

É bem verdade que temos perdido parte significativa desta biomassa. A Avenida W3 Sul é uma das mais prejudicadas. Em vários trechos as árvores foram arrancadas e não há vestígio de que tenham sido substituídas. Dentro das quadras elas são removidas furtivamente e nada é reposto. Na SCLN 306, ao lado do bloco B, vários fícus foram derrubados para a construção de uma rampa de acesso a um mercado. As árvores sobre as estações do metrô na Asa Sul foram removidas e nada foi replantado, apesar das enfáticas promessas de que isso seria feito. É tempo de começar a repor esse patrimônio perdido!

Chamo a atenção para a temporada das flores que se inicia com as Paineiras. As Paineiras começam a colorir a cidade em março, algumas até antes, e vão até maio. Há vários pontos de concentração e é deslumbrante vê-las todas tomadas pelas flores de cor rosa. Logo após é a vez do Ipê Roxo. Seu período é curto e vai de junho a agosto. O período das flores dos Ipês se estende por um largo período: logo após o Ipê Roxo vem o Ipê Amarelo, que floresce a partir do final de junho até setembro, seguido do Ipê Branco, e depois do Ipê Rosa que termina a temporada a partir do final de julho até os fins de setembro. Os ipês têm significativa presença no Eixo Rodoviário, tanto norte quanto sul, a exceção dos brancos, que ficam escondidinhos na pista rebaixada que liga a L2 Norte a L2 Sul, ao lado da Catedral. Poucos se dão conta de sua florada.

Ao final do ano temos a exuberância dos flamboyants com o seu vermelho vivo. Os flamboyants ocorrem de forma esparsa e têm uma significativa concentração nas quadras 700 da Asa Sul. São dignos de nota os guapuruvus, as cássias e tantas outras espécies de árvores nativas que oferecem flores de texturas, cores e formas de rara beleza.

A floração das cerejeiras é cultuada no Japão e atrai a atenção de todo o mundo. Nós temos árvores ornamentais em condições de oferecer uma cidade inteira florida durante todo o ano. Bastaria identificar as espécies pela ordem de florada e distribuí-las de forma heterogênea, adensando a vegetação existente e compondo com suas cores e formas, quadros de beleza incomum em um jardim permanentemente florido.

O Plano Diretor de Arborização de Brasília poderia ser revisto de modo a nos dar esse presente que iria encantar a todos. Uma cidade assim, florida, teria apelo turístico para ser visitada por admiradores do mundo inteiro! E nós viveríamos numa eterna primavera!

Parada do Orgulho LGBT está no calendário oficial do DF

Neste 28 de junho próximo o segmento LGBT do Distrito Federal vai comemorar o Dia Internacional do Orgulho com uma boa nova. A Parada do Orgulho LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais, queers e simpatizantes) de Brasília foi incluída no calendário oficial de eventos do Distrito Federal.

A lei foi sancionada pelo governador Ibaneis Rocha (MDB) e entrou em vigor em 14 de abril deste ano após publicação no Diário Oficial do DF (DODF). A Parada do Orgulho LGBT de Brasília acontece anualmente há 23 anos.

O deputado Chico Vigilante (PT), autor do projeto de lei, propôs a inclusão da celebração no calendário oficial do DF em 2017. Mas só este ano foi aprovado. " Este é um dia de combate à homofobia", disse Chico Vigilante em referência ao Dia Internacional do Orgulho, que é festejado na Parada do Orgulho em Brasília.

O presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa (CDH), Fábio Félix (PSol), diante da ameaça de revogação da lei pela Frente Parlamentar Evangélica, disse que essa atitude "expressa a intolerância e o ódio contra a população LGBT". Ressaltou que a proposta de revogação não pode ser votada ou sequer apresentada, por ter sido aprovada na mesma legislatura.

O ativista Michel Platini, presidente do Centro de Defesa do Direitos Humanos e diretor da Aliança Nacional LGBTI no DF, declarou que o segmento está feliz com o governador. Considera o ato, fruto de muita luta e resistência da população LGBT e um reconhecimento fundamental para fazer do DF um território livre do preconceito "A parada é o maior ato de direitos humanos e é um dos maiores eventos dos DF. São 23 anos colorindo a capital."disse.

Deputado Distrital Fábio Félix (PSOL/DF)

Deputado Distrital Chico Vigilante (PT/DF)

Ativista de Direitos Humanos Michel Platini

FOTOS: INTERNET

A POESIA LIBERTA 3

Sarau de clausura durante a pandemia

No início da segunda quinzena de abril deste ano, mais precisamente dia 16, quinta-feira, às 17h, o poeta José Sóter coordenou a realização da 3ª edição do Sarau online: A Poesia Liberta 3, caracterizado como sarau de clausura durante a pandemia

"Estamos aqui com a nossa poesia para ajudar na travessia dessa clausura pandêmica", disse Sóter, na abertura do Sarau, fazendo referência à atividade cultural em momento de isolamento social espontâneo cujas pessoas estão afastadas de interações e atividades sociais, como medida preventiva contra o coronavírus.

Poesia Liberta 3 www.youtube.com
Inscreva-se no canal,
curta e compartilhe.

Sóter, poeta goiano da geração mimeógrafo, como se identifica, radicado em Brasília desde 77, iniciou o sarau com a poesia de sua autoria, discurso. Além de José Sóter, participaram do sarau os seguintes poetas: Luiz de Aquino, Custódia Wolney, Luiz Martins, Luiz Felipe Vitlli, Pietro Costa, Sanjo Muchango, Maria Lúcia Verdi e Tida Carvalho.

Discurso

eu
casseteteado no baixo ventre
na esplanada,
boleado com bala de borracha
no congresso nacional
cassado da sala de aula por poemas
em anúncios classificados,
torturado psicologicamente
por horas no dops,
impedido de trabalhar por décadas,
em detrimento de minha família,
só posso dizer:
DITADURA JAMAIS!!!!

José Sóter
do livro Agrestina
Semim Edições, 2016

Cachaçóter e poesia para fazer a cabeca

"Poesia e Cachaçóter pra fazer a cabeça dos afccionados das duas" foi a proposta há um ano atrás (23/abril/2019) no lançamento, pela editora Semim, da Cachaçóter, blend de Cachaça criado pelo poeta Sóter, com cachaças envelhecidas em madeiras tradicionais. São cinco os selos da Cachaçóter: Rubi (extrato de cachaça com aroeira); Esmeralda (com madeira do murici); Cobre (com madeira de jatobá), Bronze (com madeira de canela) e Prata (madeira de sucupira).

Cada garrafa traz no seu rótulo um poema assinado por Sóter, sob a alegação de que a Cachaçóter é um suporte para a poesia. "A poesia está em toda parte", afirma. Por cerca de 4 anos Sóter pesquisou e testou receitas das melhores cachaças do Brasil e chegou a uma receita ao gosto de apreciadores mais exigentes. "É uma cachaça que não dá ressaca e faz a cabeça junto com a poesia", ressalta.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

www.kopy.com.br/sobradinho/cachacaria/cachacoter/
(61) 9964 8439

REDES DE SOLIDARIEDADE

Auxílio às famílias de baixa renda do DF no enfrentamento da Covid-19

O Projeto de Auxílio pretende arrecadar cestas básicas para famílias de baixa renda do DF, conectando uma rede de pessoas que querem ajudar, a partir dos contatos imediatos de cada um, daquelas que precisam de ajuda. Coube às entidades e às lideranças comunitárias o cadastramento das famílias a serem atendidas; tal cadastro permite traçar ainda um perfil dos impactos da Covid-19 na saúde, na mobilidade, na rotina e na renda das famílias atendidas.

"A urgência dessas proteções sociais, que são direitos constitucionais, nos coloca numa situação de não ter que esperar por uma reposta tardia e insuficiente do Estado. Se cada um pudesse contribuir com um pouco, os impactos econômicos para essas famílias e, por cascata, para a economia brasileira, poderiam ser menores. Por exemplo, uma doação de R$ 165 é suficiente para garantir a alimentação básica de três famílias (cesta de 16 itens cotada em R$ 54,90 em abril de 2020)", ressaltou Patrícia Silva Gomes, professora da UnB e voluntária no projeto.

Ela explica que embora as primeiras ações tenham se direcionado à aquisição de cestas básicas, a pretensão é ajudar também na compra de remédios e pagamento de aluguéis. Na primeira ação, encerrada em 09 de abril, foram arrecadadas 53 cestas básicas para famílias de baixa renda do Sol Nascente. A segunda ação, a se encerrar em 23 de abril, tem como meta a doação de cerca de 50 cestas básicas para trabalhadores informais cadastrados pelo Fórum de Economia Solidária do DF. A terceira ação, programada para o início de maio, visa arrecadar mais 50 cestas básicas para famílias de baixa renda da comunidade Zumbi dos Palmares e refugiados venezuelanos de São Sebastião, cadastrados pela Cáritas do DF.

"Se a epidemia mostra, de cima para baixo, seus efeitos no mundo globalizado, é preciso estruturar, de baixo para cima, uma rede de apoio para as comunidades mais carentes", finalizou.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Foram arrecadadas 53 cestas básicas para famílias de baixa renda do Sol Nascente (DF).

Quadro de precariedade social

O avanço da pandemia de Covid-19 sobre o mundo globalizado, atingindo, em efeito cascata, os diversos países e, de cima para baixo, dos mais ricos aos mais pobres, mostra que seu impacto é ainda maior sobre a população de baixa renda. Artigo de Max Fisher e Emma Bubola, publicado no New York Times em 15/03/2020, mostra que a COVID-19 é duas vezes mais mortal nos setores mais pobres (1).

A chegada da pandemia ao Brasil depara-se com um quadro de precariedade social enorme – lenta recuperação econômica, aumento do número de trabalhadores sem proteção social, com o trabalho informal batendo o recorde de 41,3% (2), o que se soma a um quadro de precariedade habitacional, revelado pela pesquisa do déficit habitacional brasileiro de 2015 da Fundação João Pinheiro (3). São 13,6 milhões de pessoas vivendo em áreas vulneráveis, onde além do adensamento construtivo (em tipologias como favelas, vilas e conjuntos habitacionais) é comum a presença de lares com mais de uma família convivente, inclusive com faixas etárias distintas (avós morando com netos) – a chamada coabitação familiar, que atinge 36.181 domicílios no DF e 1,9 milhões no Brasil –, além do adensamento excessivo (situação de 5.843 domicílios no DF e 332.850 no Brasil), ônus excessivo com aluguel (abrangendo 87.307 domicílios do DF e 3,17 milhões do Brasil), ausência de saneamento básico, com 1.945 domicílios sem banheiro no DF e 213.732 no Brasil, 46% dos lares sem água encanada e 34% sem rede de esgotamento sanitário no país (4).

A pandemia tem mostrado que a solução mais efetiva para o seu enfrentamento é a capacidade coletiva de isolamento social, mas como falar em quarentena para famílias cujo rendimento é conquistado por dia ou semana de trabalho? São pessoas que precisam escolher entre proteger sua saúde e alimentar suas famílias diariamente e a sensação de incerteza quanto à duração desta condição, sem uma reserva financeira de apoio, as coloca numa angustiante pressão para trabalhar. A Pesquisa de Orçamento Familiar do IBGE de 2017-2018 (4) mostra que 24,3% da renda das famílias que ganham até R$ 1,9 mil vem da aposentadoria (isto é, das pessoas mais velhas) e de programas sociais, e que as despesas com alimentação e aluguel comprometem 61,2% do orçamento familiar; só alimentação compromete 22% da renda.

Patrícia Silva Gomes

Professora da UnB e voluntária no projeto.

REFERÊNCIAS

(1) www.nytimes.com/2020/03/15/world/europe/coronavirus-inequality.html

(2) g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/30/trabalho-informal-avanca-para-413percent-da-populacao-ocupada-e-atinge-nivel-recorde-diz-ibge.ghtml

(3) www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/consultaDetalheDocumento.php?iCodDocumento=76871

(4) g1.globo.com/economia/noticia/13-dos-domicilios-do-pais-nao-tem-esgotamento-sanitario-aponta-ibge.ghtml"

COLABORAÇÃO

Marcella Menezes Vaz Teixeira
Voluntária do projeto, coordenadora da Ação Sol Nascente, estudante da UnB.
Ivonete Oliveira
Prefeitura Comunitária do Sol Nascente, responsável pelo cadastramento e distribuição das cestas na Ação Sol Nascente.
Arte do Folder
Marcella Menezes Vaz Teixeira.

Meio Ambiente

FOTO: SHUTTERSTOCK

“Pessoas doentes ou que estão incubando germes em seu organismo levam a doença para outros locais e contaminam seus moradores”, Dr. Stefan Cunha Ujvari, médico infectologista.

NOVO CORONAVÍRUS É A PREOCUPAÇÃO MUNDIAL DE 2020

Desde o final de 2019, os primeiros casos do coronavírus foram anunciados quando médicos notificaram um aumento do número de crises respiratórias na cidade de Wuhan, no leste da China. A Organização Mundial da Saúde - OMS foi alertada do novo tipo de coronavírus que começou a surgir e se espalhar a partir da República Popular da China. Com o aumento do número de infectados se alastrando para outros países e chegando ao Brasil, desde janeiro de 2020, eventos, entre eles festivais, campeonatos, passeatas, manifestações públicas e privadas, cultos e até reuniões familiares e de amigos, começaram a ser cancelados ou suspensos.

Segundo informes da Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS, os coronavírus são a segunda principal causa de resfriado comum, após rinovírus. A Folha Informativa no site da entidade (https://www.paho.org/bra/) diz que “ao todo, sete coronavírus humanos (HCoVs) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS--CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19”.

A doença se espalhou e já existem, mundialmente, surtos de COVID-19. Portanto, a OMS declarou que a pandemia do novo coronavírus é um caso de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – ESPII, com objetivo de interromper a propagação do vírus, aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global.

A história revela que uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional ocorre pela sexta vez com a pandemia do novo coronavírus. Em 25 de abril de 2009 foi declarada a pandemia de H1N1; em 5 de maio de 2014, declarada a disseminação internacional de poliovírus; em 8 agosto de 2014, declarado o surto de ebola na África Ocidental; em 1 de fevereiro de 2016, declarado o vírus zika e aumento de casos de microcefalia e outras malformações congênitas e em 18 maio de 2018, declarado o surto de ebola na República Democrática do Congo.

Mesmo antes de se decretar a pandemia do novo coronavírus, foi divulgado, sem grandes desdobramentos, que os biólogos chineses, Yi Fan e Peng Zhou, do Instituto de Virologia de Wuhan, publicaram um artigo científico (março de 2019), expondo a probabilidade de que surtos futuros de coronavírus, originados de morcegos, teriam ocorrência na China. Não se sabe ao certo qual foi o ponto de partida para a atual pandemia, mas a descoberta do novo coronavírus virou a preocupação mundial de 2020.

A doença, chamada de Covid-19, infectocontagiosa, provo-

ca problemas respiratórios, sendo mais mortal para as pessoas com doenças preexistente, tais como asmas e diabetes, e ainda, para idosos e doentes crônicos, considerados grupos de risco. O vírus é transmitido por pessoas já contaminadas e de pessoa para pessoa numa fase inicial, mesmo quando não há sintomas, fato que dificulta o controle. Da mesma forma, a contaminação se dá por meio de objetos ou pelo ar, em ambiente anteriormente ocupado por pessoa contaminada.

Na opinião do Dr. Stefan Cunha Ujvari, médico infectologista do corpo clínico do Hospital Carlos Chagas desde 1994 e do Hospital Oswaldo Cruz desde 1997, "a locomoção humana sempre esteve associada ao transporte de micróbios para outras regiões. Pessoas doentes ou que estão incubando germes em seu organismo levam a doença para outros locais e contaminam seus moradores". Ele narra no livro: *A história e suas epidemias - a convivência do homem com os microrganismo (2003)* como o ser humano reagiu aos microrganismos do planeta.

Segundo Ujvari, a disseminação das doenças é favorecida por uma série de fatores, que vão desde o convívio com animais, os conglomerados urbanos, as rotas comerciais, a falta de saneamento, hábitos higiênicos, entre outros. Portanto, mostra que o homem é responsável pelo surgimento e disseminação de agentes infecciosos.

Ujvari diz que os microrganismos (fungos, vírus, bactérias e parasitas) foram as primeiras formas de vida na Terra. Embora os microrganismos não estivessem, à época, relacionados às doenças que causavam, pela inexistência de recursos tecnológicos, no transcurso dos séculos, a humanidade sofreu epidemias diversas. Entre elas, lepra, peste bubônica, tifo, malária, sarampo, varíola, cólera, sífilis e gripes.

As doenças infecciosas, acompanhadas de desnutrição e miséria, dizimaram populações no mundo inteiro. No Brasil a população indígena, em seus primeiros contatos com os colonizadores, não resistiram aos agentes infecciosos. Também os negros, trazidos como escravos, foram vítimas de infecções nos porões dos navios negreiros. Até os brancos, que vieram ocupar espaço no Brasil, após a abolição da escravatura, não ficaram imunes às infecções por ocasião das viagens marítimas.

Na antiguidade, Ujvari relata em sua publicação, que as infecções eram tidas como obras de divindades, representadas pelas mais diferentes entidades, dependendo da civilização em questão. O surgimento de epidemias foi um dos motivos de caça às bruxas e as condenações em fogueiras na Europa medieval. Apesar de serem atribuídas origens divinas às doenças, as providências de limpeza, isolamentos de infectados e os cuidados com a higiene e saneamento passaram a ser entendidas como formas de controlar a situação.

A ciência e a igreja tiveram divergências nas formas de buscar origens e soluções para as epidemias, mas o progresso da ciência e das informações ganhou espaço a partir do século XVII (século das luzes ou Iluminismo). A descoberta do microscópio neste século ajudou, entre outros estudos, na identificação de microrganismos. Em meados do século XX, por meio da microscopia, foi descoberto que vírus não são células, mas partículas infecciosas, onde apenas dentro das células de outros seres vivos é que eles conseguem se reproduzir. Já as bactérias possuem uma estrutura celular que lhes abastece e faz delas organismos vivos.

Levando em conta que o vírus não é um organismo vivo e possui uma célula hospedeira para cada tipo, o tratamento medicamentoso das infecções virais é feito com antivirais, para inibir a multiplicação dessas partículas e impedir que atinjam outras células e enfraqueçam o sistema imunológico. O antibiótico é prescrito quando se trata de doença resultante de ataque de bactérias.

Nesse contexto, fica evidente que o organismo do ser humano pode ser hospedeiro e, em alguns casos, não ser transmissor de microrganismos. Chama a atenção saber que o modo de vida das pessoas no planeta é o maior aliado dos vírus, uma vez que estas, além de se deslocarem mais rapidamente, estão cada vez mais invadindo a natureza e mantendo contato com animais que hospedam vírus desconhecidos. Isso remete aos versos da composição musical do cantor Raul Seixas:

"os donos do mundo piraram/ Eles já são carrascos e vítimas /do próprio mecanismo que criaram".

Assim, o surgimento de novos vírus, até os mais destruidores, é uma consequência direta da civilização desde os tempos remotos. Ainda, revendo o verso de Raul Seixas:

"buliram muito com o planeta
e o planeta como um cachorro eu vejo/
Se ele já não aguenta mais as pulgas/
Se livra delas num sacolejo",

reforça a certeza de que muitas vidas ainda serão ceifadas pela impiedosa forma de como a sociedade prioriza a economia em prejuízo da saúde e bem-es*tar social.*

DOENÇAS VIRAIS

A seguir, doenças causadas por vírus. Eles entram no organismo pelo nariz, boca, genitais, ou direto para a corrente sanguínea, geralmente via mosquito. Veja como inibir sua atuação e proliferação com a adoção de vacinas e de hábitos profiláticos.

EBOLA

Transmissão: Contato com fluidos corporais como sangue, saliva, pele ou superfícies infectadas.

Prevenção: Como não há vacina para a prevenção desse vírus, a melhor medida é evitar o contato com pessoas, animais e materiais infectados.

HERPES

Transmissão: Contato com a ferida, fluidos corporais, objetos infectados, contato sexual ou da mãe para o bebê no momento do parto.

Prevenção: Evitar o contato com pessoas que estão manifestando os sintomas e manter relações sexuais com uso de preservativo.

VARÍOLA

Transmissão: Exposição com alguém contaminado por gotículas que a pessoa expele, pela fala, tosse ou espirro, pelo ar e por objetos infectados.

Prevenção: Existe uma vacina contra a varíola, porém, ela não faz parte da vacinação de rotina por apresentar riscos colaterais elevados.

CATAPORA

Transmissão: Por saliva, objetos contaminados ou líquido da bolha, desde o final do período de incubação do vírus até 6 dias após o aparecimento das lesões.

Prevenção: Prevenida por meio da vacinação.

CAXUMBA

Transmissão: Contato direto com o doente, objetos infectados, saliva da pessoa contaminada ou perdigotos.

Prevenção: Vacina, incluída na tríplice viral.

SARAMPO

Transmissão: Contato direto por meio das secreções e gotículas de saliva.

Prevenção: Vacina contra o sarampo (tríplice viral).

RUBÉOLA

Transmissão: Transmitida diretamente da pessoa contaminada para outra pessoa por meio do es-

pirro, tosse ou até mesmo da fala.
Prevenção: Vacina tríplice viral torna a pessoa imune ao vírus da rubéola.

GRIPE COMUM

Transmissão: Contato direto com pessoas contaminadas e pelo ar.
Prevenção: Fortalecer o sistema imunológico e tomar vacina contra a gripe.

POLIOMIELITE

Transmissão: Contato direto com a pessoa infectada por meio da água ou de alimentos contaminados.
Prevenção: A paralisia infantil, também conhecida como poliomielite, é prevenida com a vacinação oral ou injetável.

ROTAVIROSE

Transmissão: Contato direto com uma pessoa contaminada pela água, alimentos e objetos infectados ou ainda pelo contato “fezes-boca”.
Prevenção: Existe vacinação contra o rotavírus. Evitar com a adoção de hábitos de higiene pessoal e dos ambientes.

FEBRE CHIKUNGUNYA

Transmissão: Picada dos mosquitos Aedes aegypti ou Aedes albopictus infectados.
Prevenção: Eliminar focos de reprodução dos mosquitos e usar repelentes e mosquiteiros.

HEPATITE A

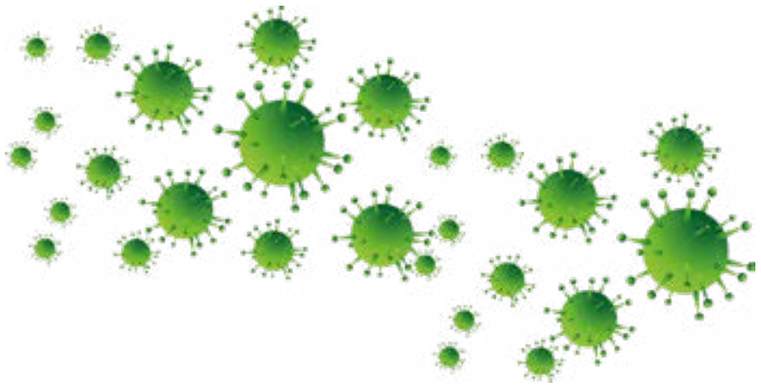
Transmissão: Contato com pessoa infectada pela água e alimentos contaminados.
Prevenção: Vacina que previne o vírus da hepatite; tratamento da água, além das práticas de higiene pessoal.

DENGUE

Transmissão: Picada do mosquito Aedes aegypti infectado.
Prevenção: Assim como no caso da Chikungunya, não existe uma vacina para a dengue; tomar cuidados para repelir o mosquito.

FEBRE AMARELA

Transmissão: Picada por um dos mosquitos Haemagogus leucocelaenus, Aedes aegypti ou Aedes albopictus infectados.
Prevenção: Vacina que imuniza as pessoas em relação a esse vírus; controle dos vetores da febre amarela.



HANTAVIROSE

Transmissão: Fezes, urina ou saliva de roedores infectados, principalmente ratos.
Prevenção: Ambientes limpos e evitar o contato com roedores ou suas fezes e urina.

RAIVA

Transmissão: Contato com a saliva, por arranhão ou mordida de um animal infectado.
vacina que é aplicada após a exposição a algum animal.
Prevenção: Vacinação de animais domésticos, como cães e gatos.

AIDS(VÍRUS HIV)

Transmissão: Sangue; contato sexual desprotegido; fluidos vaginais, sêmen ou da mãe para o bebê.
Prevenção: Relações sexuais protegidas e evitar o contato com machucados ou materiais com sangue.

ECOSOL
BASE BRASÍLIA

COOPERATIVA CENTRAL DE APOIO AO SISTEMA ECOSOL NO DF

No Ideal da Inclusão

Projetos

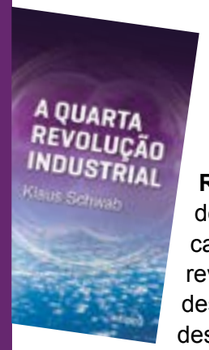
3º SALÃO de Negócios da Acessibilidade Reabilitação e Inclusão Social
Loja Toque Solidário
Revista Toque Solidário
Jornada Inclusiva
PARADAS DO ORGULHO LGBT
Humor Brasília

Modelos de negócios na era digital

Dois livros para quem está interessado em ampliar os conhecimentos sobre a era digital: A Quarta Revolução Industrial, de Klaus Schwab (2018), e Qual o Seu Modelo Digital de Negócio? – 6 perguntas para ajudar a construir a empresa da próxima geração, de Peter Weill e Stephanie L. Woerner (2019).

Segundo estudiosos, o desenvolvimento tecnológico humano é dividido em quatro. Era Industrial - A 1ª Era: mecanização, máquinas a vapor e tecelagem; a 2ª Era: produção em massa, linha de montagem e energia elétrica; a 3ª Era: automação, computador e eletrônicos; e a 4ª Era: sistemas cibernéticos e internet .

A Revolução Industrial trouxe como consequência a substituição do trabalho manual pelo uso das máquinas e indica que a força física dos operários está cada vez mais sendo substituída pela tecnologia, que demanda informação e conhecimento.

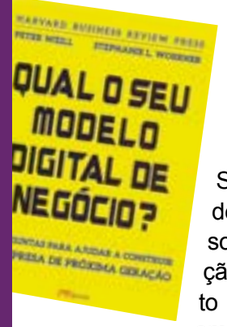


Klaus Schwab (2018)

A Quarta Revolução Industrial

O livro **A Quarta Revolução Industrial** descreve as principais características da nova revolução tecnológica e destaca as oportunidades e os dilemas que ela representa. Está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo oferece uma visão geral da 4ª Revolução Industrial; o segundo, apresenta as principais tecnologias transformadoras; o terceiro capítulo apresenta os impactos da revolução e alguns desafios políticos criados por ela. Sugere ideias práticas e soluções sobre a melhor maneira de adaptar, dar forma e aproveitar o potencial dessa transformação.

"Estamos vivendo uma realidade que alterará a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos" alega o autor do livro, Klaus Schwab, doutor em economia, fundador e presidente executivo do Fórum Econômico Mundial. Ele afirma que "novas tecnologias estão fundindo os mundos físico, digital e biológico, trazendo promessas e possíveis perigos.



Peter Weill e Stephanie L. Woerner (2019)

Qual o Seu Modelo Digital de Negócio?

O livro Qual o Seu Modelo Digital de Negócio ?, versa sobre a transformação digital e o impacto diretamente nas empresas. Alega que as empresas que não passarem por essa mudança, que não aderirem ao mundo digital, ficarão para trás.

Para usar um arcabouço DBM com o objetivo de promover uma transformação bem-sucedida, ou mesmo reinventá-la, na era digital, é preciso que antes os líderes devem responder a seis perguntas fundamentais:

Ameaça: Quão forte está a ameaça digital para o seu modelo de negócios?

Modelo: Qual modelo de negócios é melhor para o futuro da sua empresa?

Vantagem: Qual é a sua vantagem competitiva?

Conexão: Como você usará as tecnologias móveis (mobile) e internet das coisas (IoT - sigla inglês) para conectar e aprender?

Capacidades: Você está comprando opções para o futuro e se preparando para uma cirurgia organizacional necessária?

Liderança: Você tem a liderança necessária em todos os níveis para fazer a transformação acontecer?

Um modelo de negócio responde a uma necessidade existente no mercado e por isso cria valor para o consumidor. O livro vai orientar em cada uma das seis perguntas, uma por capítulo, oferecendo ensinamentos onde, já no final de cada capítulo, possibilita capacidade para decidir o que fazer.

INFOPRODUTOS

Quer criar infoproduto? O ponto é a Internet. O produto é uma informação digital que pode ser em vários formatos, tais como: e-book, videoaula, audiobook, screencasts, podcasts, relatórios, kits, eMagazines , entre outros.

Uma vez decidido o infoproduto como oportunidade de negócio, é importante definir a área e a plataforma de atuação. Pode-se criar um canal próprio de venda e distribuição ou usar sites que façam isso. Mas lembre-se que o comércio eletrônico, para ser bem-sucedido, depende da qualidade e da escolha de um nicho de mercado que conheça bem. Mesmo que tenha concorrência, o diferencial deve ser percebido pelo consumidor.

Hotmart, Eduzz, Monetize e Clickbank são plataformas de distribuição de produtos digitais no mercado.

E-BOOK

Existe e-book nos formatos e-Pub e pdf. O primeiro passo para fazer um e-book é escolher o tema e estruturar o conteúdo. É importante registrar o projeto do e-book na Biblioteca Nacional por medida de proteção e credibilidade. Na escolha das imagens para ilustração, observar os direitos autorais. Caso opte por imagem de Internet, existem bancos de imagens pagas e gratuitas. São muito usados os bancos de imagens:Shutterstock, PublicDomain Fhotos, Free Digital Photos e Every Stock Photo.

Softwares que poderão auxiliar na feitura do livro digital:

EVERNOTE: ferramenta usada para produtores de conteúdos;

PAGEPLUS: programa parecido com o InDesign e pode ser usado na diagramação de revistas e livros digitais;

SCRIVENER: Tem a função de escrever o livro.

VIDEOAULA

Antes da gravação da aula devem ser preparados o roteiro e o material. Incluir screencasts caso fale de assuntos que precisam ser ilustrados. Colocar ícones, gráficos, box de textos e até personagens. Escolher os tipos de arquivos para trabalhar. AVI, MOV e WMV são os mais comuns. A escolha da plataforma de distribuição deve ser cuidadosa para que os alunos acessem o contéudo.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

fala, diversidade!

Em 2019, Cynthia Ciarallo, provocada pela parceria com a plataforma digital Mídia 4P (Poder Para o Povo Preto), da qual é articulista, criou o canal “Fala, Diversidade” do qual é apresentadora. O canal leva as rodas de conversa para o formato digital e prioriza a busca por temas mais invisibilizados para disputar com narrativas hegemônicas de violação de direitos, de modo que o lugar de fala também é fundamental no momento do convite às(aos) interlocutoras(es). Para completar a parceria, o psicólogo e fotógrafo João Campello divide o sonho de caminharem juntos neste projeto de afeto e resistência.

Segue entrevista com Cynthia Ciarallo, Mestre e Doutora em Psicologia, Professora universitária e apresentadora do Canal Fala, Diversidade:

“Zelamos para que falas não aniquilem existências”

O que motivou você a criar o canal “FALA, DIVERSIDADE”?

Sou psicóloga e educadora. Em oportunidade de rodas de conversas semanais com acadêmicas(os) de distintos cursos, começamos a debater temas que, em geral, não são abordados em sala de aula, uma vez que nela acabam sendo priorizados conteúdos mais técnicos. Em 2019, com o lançamento da plataforma digital Mídia 4P - Poder Para o Povo Preto, fui convidada para ser articulista, inclusive com possíveis entrevistas. Esta parceria me provocou a levar as rodas de conversa para um outro formato e, assim, surgiu o Canal “Fala, Diversidade!”. Convidei João Campello, fotógrafo e também psicólogo, para dividir este sonho e hoje caminhamos juntos neste projeto de afeto e resistência, tendo o Mídia 4P como parceiro.

Qual a proposta do canal “FALA, DIVERSIDADE”?

A proposta do Canal “Fala, Diversidade!” é estimular vozes diversas sobre temas diversos por pessoas diversas. No entanto, apesar do estímulo à fala diversa ser uma estratégia usada pelo canal, zelamos para que falas não aniquilem existências. Por exemplo, não é possível a fala racista, pois ela aniquila existências, logo, o racismo amordaça a diversidade. Então, não se trata da liberdade de expressão na perspectiva do “meu direito termina quando o seu começa e por isso posso falar o que penso”. Não, no “Fala, Diversidade!”, o direito começa junto e ao mesmo tempo. A liberdade de expressão tem que ser uma realidade vivida coletivamente e em equidade. Se uma narrativa viola existências, não é a diversidade que está falando. Assim, temos uma linha editorial que cuida para que nossos interlocutores tragam vozes da diversidade sem que eliminem outras em suas narrativas. Também temos como prioridade a busca por temas mais invisibilizados para disputar com narrativas hegemônicas de violação de direitos. Por fim, entendemos que lugar de fala também é fundamental no momento do convite às(aos) interlocutoras(es).

Qual a importância da aceitação da diversidade?

O termo “diversidade” no campo progressista acaba sendo associado às pautas LGBTQI+. No entanto, nossa intenção é ampliar para tudo que é diverso entre nós, objetos, pessoas, temas, pertencimentos, identidades etc. Trabalhar a diversidade não na simples perspectiva de que todos somos diferentes, mas que ser diverso é também, e paradoxalmente, o que pode nos agregar enquanto humanidade: não ter a si mesmo como a única lente para entender a complexidade humana e/ou defender a diversidade apenas quando ela parecer espelho de quem a observa.

Como inserir a diversidade nos valores da sociedade?

Pensar diversidade é pensar em educação, em rompimentos de conservas morais que rejeitam a conquista de direitos de minorias políticas - na ausência de um termo melhor. Não podemos interditar o conhecimento nas escolas, no cotidiano a partir de crivos morais. O conhecimento precisa ser universalmente acessível, transdisciplinar, sem tabus, dialogado, inclusivo. Considerar que há sim narrativas hegemônicas que naturalizam/normalizam violências contra grupos, ideias. Especialmente neste momento difícil que vivemos onde o estímulo a discursos de ódio e a criação de inimigos numa lógica de extermínio imperam.

Como entender a discriminação e a intolerância em nome do respeito às opiniões diferentes?

Liberdade de expressão, opiniões diversas são categorias que só fazem sentido quando ancoradas no bem comum. Se sua opinião me ofende e nega minha existência, ela não é uma opinião, ela é violência, ela me impede de existir, ela mata. Podemos ter opiniões diferentes sobre um determinado assunto à luz da garantia do direito de existir. Eu e você podemos fazer análises diferentes de conjunturas, utilizarmos estratégias diferentes, conhecimentos diferentes, julgamentos distintos, mas nada disso pode colocar em risco nosso direito comum de existir a partir de nossos pertencimentos e identidades. Aliás, em um debate, quando o foco é disputar poder, logo, competir ou impor ideias, o debate se perde porque o objetivo inicial também mudou.

A questão do respeito à diversidade caminha para aceitar ou lidar com a diferença?

Sim, o respeito à diversidade é o respeito à diferença. Não porque existem mais pessoas “diferentes” de mim, como se fossem um grupo à parte do meu grupo. Mas porque toda pessoa é singular. Aliás, vale também destacar que nossa singularidade se forja no que temos em comum - história , cultura, sociedade.

Como o voluntarismo e a solidariedade atuam na questão da inclusão da diversidade?

Voluntarismo e solidariedade são práticas importantes, mas não podem se relacionar com o outro a que se destinam como se fosse vítima e/ou “carente de piedade”. Fazendo assim, corre-se o risco de ver pessoas como objetos ou como formas de aplacar uma eventual culpa moral/religiosa. Nunca devemos desconsiderar que tais práticas solidárias nascem da nossa desigualdade, inclusive a desigualdade econômica estrutural que marca bem quem é privilegiado e quem nem “lutando, sempre alcançará”. Voluntarismo e solidariedade devem ser práticas na direção do outro, se espetacularizadas de modo real ou simbólico, mudam suas martirizas e potências para a equidade entre nós.

“De bom e louco todos têm um pouco”. Essa expressão se aplica à questão da diversidade? Porque?

Um pouco bom, um pouco louco? Não acredito em uma leitura maniqueísta do humano entre bom/mau, bem/mal. Não são atributos naturais que integram o humano. São critérios de julgamento usados para avaliar situações jogados nas relações sociais. Veja que polêmico isso pode ser para alguns: uma pessoa que mata alguém deliberadamente pode ter uma relação de amor profunda com sua família e ser correspondido nesse amor. Alguns desejam a pena de morte (matar) desde que não seja aplicada para alguém de seu afeto. Então, essencializar bondade e maldade, logo afirmá-las como atributo da natureza humana é arriscado e limitado frente à complexidade das relações humanas. Assim, então, entendo que deveríamos buscar nas pessoas a garantia de direitos em seus cotidianos e não uma suposta bondade essencializada. Quanto à loucura, ela é uma construção social de uma racionalidade hegemônica em um determinado momento histórico e por ela julgada, aceita ou não. Em geral, não se cuida de pessoas tidas como loucas, mas ainda - e lamentavelmente - as aprisiona. Todas as categorias usadas para qualificar comportamentos são jogos em relações de poder e de oportunidade. Não seria diferente com a ideia de bondade e a de loucura. Assim, entendo que a diversidade não deva se ancorar em categorias essencializadas, mas que seja pensada como dimensão própria da humanidade. E que todos os humanos sigam tendo direitos que não se percam nas narrativas dos que pensam ser “humanos direitos”.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Pandemia de COVID-19 desperta solidariedade

Mutirão para produzir e doar máscaras de proteção

Com o avanço da pandemia de COVID-19 no Brasil, um grupo de moradores do Condomínio Ville de Montagne, localizado no bairro Jardim Botânico de Brasília, formou mutirão para juntar recursos, produzir e doar máscaras de proteção, juntamente com pote de álcool gel, aos mais de 70 funcionários do condomínio.

Os equipamentos de proteção individual, para uso durante o trabalho, foram fornecidos pela associação de moradores do condomínio, mas faltavam máscaras para os funcionários utilizarem no caminho para casa e nas suas atividades fora do serviço. O uso de máscaras é recomendado pela Ministério da Saúde, tanto pelas pessoas doentes quanto por aquelas saudáveis, porque além de proteger quem não se contaminou, previne que aqueles que estejam contaminados de forma assintomática espalhem o vírus quando ainda não sabem que estão doentes.

No entanto, o medo causado pela doença fez com que os estoques de máscaras descartáveis nas drogarias se esgotassem rapidamente. A demanda muito acima do normal fez com que faltassem máscaras até mesmo para os profissionais de saúde. Com isso, a única alternativa encontrada pelos moradores do condomínio, para proteger seus funcionários, foi a produção local das máscaras.

O grupo de pouco mais de 10 pessoas, dentre os 1200 lotes do condomínio, se organizou espontaneamente por meio de Whatsapp e em poucos dias os recursos foram arrecadados entre os moradores. A mão de obra para confecção ficou por conta de voluntárias costureiras, moradoras do próprio condomínio: Elenice de Souza, Natacha Santos, Sônia Virgílio e Solange Vieira. Até quem não tinha experiência em costura, mas tinha máquina em casa, se propôs, como foi o caso da moradora Soninha Virgillo, que, estando em isolamento social, recebeu em casa o material e as instruções à distância. As máscaras foram confeccionadas em tecido de algodão dupla face e podem ser lavadas para reuso. A distribuição aos funcionário do condomínio é gratuita.

Esta não foi a primeira iniciativa dos moradores do Ville para apoiar seus colaboradores. Só pra citar as mais recentes, uma outra vaquinha está juntando recursos para doação de cestas básicas para aqueles funcionários que tenham tido redução da renda familiar em função da pandemia e recentemente todos os funcionários receberam caixas de bombom em celebração à Páscoa.

Mulheres sempre prontas a acolher e amar

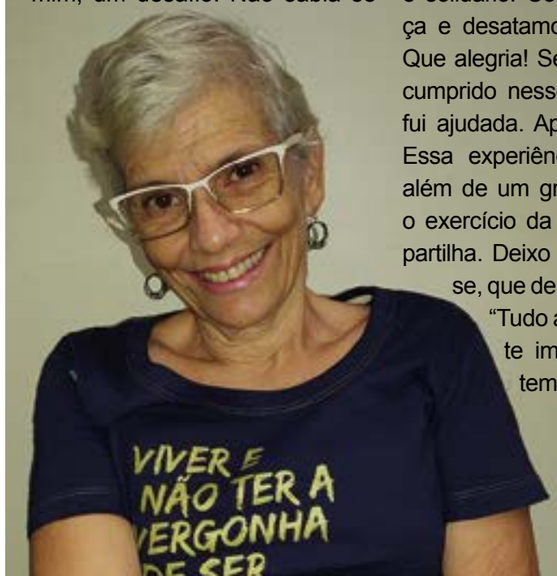
Costumo dizer que: Nesse momento de pandemia, a solidariedade se tornou protagonista. A ideia de participar desse projeto já me deu novo ânimo, diante dessas semanas de distanciamento social. Um projeto sensível à necessidade dos mais próximos (por vezes, nos mobilizamos em ajudar os mais distantes e esquecemos de olhar para quem está ao nosso lado). Um projeto comunitário. Um projeto de cuidado com o outro.

Como tenho uma máquina de costura, apesar de não reunir muitas habilidades nessa área, decidi contribuir com meu trabalho manual na confecção das máscaras de tecido. Para mim, um desafio. Não sabia se iria conseguir. As vizinhas, que também estavam nessa função, já detinham experiência na arte de corte e costura.

Mas como a solidariedade nos instiga e aproxima, contei com especial atenção de uma delas, que me incentivou e apoiou na execução do trabalho. Vários vídeos explicativos, fotos, telefonemas, mensagens de Whatsapp, e... voilá!! Cumpri minha missão. Cortei, costurei e montei as máscaras que couberam a mim na divisão do trabalho. Grata, Natacha.

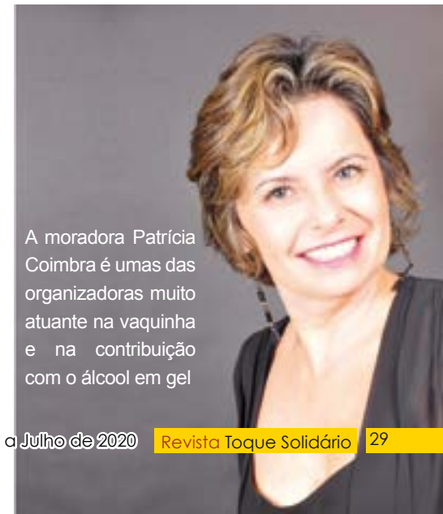
Um grupo de mulheres. Ah! As mulheres... Sempre prontas a acolher e amar! Sei que algumas contam com o apoio da família, e isso torna o projeto mais humano e solidário. Costuramos esperança e desatamos nós da solidão. Que alegria! Sentimento de dever cumprido nesse projeto. Ajudei e fui ajudada. Apoiei e fui apoiada. Essa experiência me concedeu, além de um grande aprendizado, o exercício da amorosidade e da partilha. Deixo aqui uma bela frase, que desconheço a autoria: "Tudo aquilo que realmente importa na vida não tem preço. Tem valor".

Soninha Virgílio



Natacha Santos, moradora do condomínio, uma das voluntárias costureiras das máscaras e também uma das organizadoras do multirão.

Funcionários recebendo caixas de bombom em celebração à Páscoa.



A moradora Patrícia Coimbra é umas das organizadoras muito atuante na vaquinha e na contribuição com o álcool em gel

MEDIDAS DE AUXÍLIO EMERGENCIAL

CORONAVAUCHER

Para proteger o cidadão dos efeitos provocados pelo Covid-19, o Governo Federal instituiu o Auxílio Emergencial – também conhecido como "Coronavaucher" –, que pagará, por três meses subsequentes, o valor de R$ 600,00 aos trabalhadores que forem maior de 18 anos, não tenham emprego, não tenham benefício previdenciário ou assistencial (exceto Bolsa Família) e cuja renda familiar seja de até três salários mínimos. Mães solteiras que sejam chefe de família receberão duas cotas do auxílio, totalizando R$ 1.200,00.

Quem está inscrito no Cadastro Único (banco de dados do Governo com os nomes das pessoas de baixa renda habilitadas a receberem benefícios sociais) não precisarão se inscrever no programa para receberem o auxílio. Porém, aqueles que não estiverem inscritos devem fazê-lo via site e/ou aplicativo "Caixa Auxílio Emergencial" para que seja analisado se estão dentro dos critérios necessários para receber o benefício. Quem não tiver acesso à celular ou computador poderá fazer seus cadastros nas loterias.

O pagamento foi previsto para ser feito em três etapas: primeiro recebem aqueles listados no Cadastro Único; depois, beneficiários do Bolsa Família; e, em terceiro, aqueles que se inscreveram via aplicativo ou site. Para se cadastrar, é só acessar: https://auxilio.caixa.gov.br/#/inicio ou baixar o aplicativo, disponível tanto para iOs quanto Google Play. A Caixa deu prazo de cinco dias úteis para análise dos cadastros, porém, o prazo relatado pelos usuários tem sido bem superior. Outra reclamação é referente aos pagamentos, que também não estão em sintonia com os prazos informados.

FGTS

O Governo também anunciou que a partir de junho os trabalhadores poderão sacar o valor de até R$ 1.045,00 das contas do FGTS – tanto ativas quanto inativas. Esse valor será pago independentemente se o trabalhador optou pelo Saque Aniversário ou Saque Rescisão do Fundo de Garantia. O dinheiro estará disponível de 15 de junho a 31 de dezembro e voltará para a conta do fundo, caso o trabalhador não faça a retirada.

Auxílio Emergencial de R$ 600,00 (R$ 1.200,00 para mães solteiras).

QUEM NÃO PODE RECEBER

1. Pessoas com emprego formal, ou seja, trabalhador com carteira assinada;
2. Agentes públicos independente da relação jurídica até mesmo os temporários.

QUEM PODE RECEBER

1. Ser maior de 18 anos;
2. Não ter emprego formal;
3. Não receber nenhum benefício do INSS (Aposentadoria, Pensão, Auxílio Doença, Salário Maternidade, etc) ou auxílio assistencial como BPC. Mas pode receber Bolsa Família. Neste caso será pago apenas o maior valor entre os dois benefícios;
4. Renda familiar não pode passar de 3 salários mínimos ou 1/2 salário mínimo por pessoa;
5. Não pode ter recebido mais do que R$ 28.559,70 durante todo ano de 2018.

Além de cumprir os cinco requisitos citados, deve cumprir também apenas 1 dos requisitos seguintes:

1. Ser Micro Empreendedor Individual ou seja, ser MEI;
2. Contribuir com o INSS como autônomo, ou seja, recolher através de carnê;
3. Ter declarado ser trabalhador informal no Cadastro Único (até 20/03/2020).

Quem não tem Cadastro Único fazer a autodeclaração quando o Governo Federal disponibilizar o aplicativo eletrônico.

soluções gráficas
SIG Q. 8 - lote 2265
Parte D - Térreo
Brasília / DF | CEP.: 70610-480
FONE/FAX: (61) 3344.9978
E-MAIL: hsolucoesbsb@gmail.com

Salve vidas. Use máscara.

Brasília foi a primeira cidade do Brasil a pedir para que as pessoas ficassem em casa. Você ficou. Deu exemplo. Protegeu-se. E os resultados estão aparecendo. Para que essa situação se estabilize, o GDF tornou obrigatório o uso de máscaras em todas as cidades do Distrito Federal. É uma medida para, antes de tudo, proteger você e sua família. Está comprovado que o uso da máscara é a melhor maneira de se cuidar – caso precise sair de casa. Use máscara. A vida agradece.

É segurança, é proteção, é obrigatório.

GDF
Distrito Federal